

## Deleuze, Guattari, Heuser e o bando do Oeste do Paraná: um encontro de foguinhos

ANA CAROLINA NOFFKE<sup>1</sup>

Esse ensaio filosófico conta a história de uma pesquisadora. Mas isso é só desculpa para contar a história de um encontro. Como cria da casa, com graduação, mestrado e agora doutoranda da mesma universidade, pude conhecer várias gerações do programa do qual faço parte. De ter a mesma universidade como meu nicho-ecológico, como diz Maturana. De participar ativamente de sua história, ao menos nos últimos 20 anos. Uma universidade e um programa que me são importantes, e pelos quais tenho muito respeito e admiração. Romantismos à parte, claro, porque nada é perfeito. Mas além de contar uma história, esse ensaio também faz uma homenagem ao Centenário de Deleuze, e às professoras e professores que proporcionam encontros com pessoas, ideias e afetos. Que fazem jurisprudência quando criam condições para se produzir pertencimento à atividade que exercemos, e não apenas a profissionalização. Por darem espaço e escuta para a diferença e para pensar a filosofia *desde* o Brasil e *desde* o Sul global.<sup>2</sup>

Minha relação com a filosofia se desgastou na graduação. Em termos acadêmicos, a filosofia me parecia distante da realidade, tanto física quanto teórica. Havia nela uma atmosfera canônica, séria.<sup>3</sup> As obras estudadas, sempre provenientes de autores do Norte global, versavam sobre temas universais, mas

---

<sup>1</sup> Esse trabalho foi realizado com apoio financeiro da Capes, na forma de bolsa de Doutorado. Graduada, Mestre e Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutorado Sanduíche na Faculdade de Direito de Buenos Aires (UBA 2024/2025). Áreas de pesquisa: Filosofia da Diferença, Filosofia Decolonial, Filosofia Ultrajurídica, Tramas Sonoro-Filosóficas. Mãe, musicista, artista e agente cultural. Email: [pindorama.ana@gmail.com](mailto:pindorama.ana@gmail.com); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7221992095090533>

<sup>2</sup> É Júlio Cabrera, em *Diário de um filósofo no Brasil* (2013) que levanta a pauta de pensar a filosofia *desde* o Brasil, sem que isso corresponda a uma filosofia nacionalista/chauvinista. Ainda que não fale sobre isso diretamente, é perceptível que Cabrera se alinha aos estudos pós-coloniais em filosofia.

<sup>3</sup> Já diria Roberto Gomes que, ser sério é diferente de levar à sério. *Crítica da Razão Tupiniquim* (Gomes, 1994).

sempre pensados *desde* o Norte. A predominância masculina e branca, tanto física quanto teórica, no cenário filosófico, também era desmotivante. Afinal, como mulher, sempre me pareceu limitada a imagem do homem branco como modelo de referência para o sujeito universal. Como brasileira, ciente da densa história de colonização, escravidão e genocídio que forjou e ainda se faz presente no Brasil, sentia que a filosofia ainda soava como tributária de uma imagem de pensamento colonial<sup>4</sup>. Esse cenário gerava questionamentos que não encontravam espaço para diálogo nesse ambiente, sem serem taxados como inocentes e não-filosóficos. Ainda na graduação, percebi que não se tratava de um cenário característico apenas do Oeste do Paraná, ele ainda é majoritário no contexto acadêmico do Brasil, pois é constitutivo da imagem de pensamento que o funda e que advém da colonização.

E aí que algo se passou. Uma nova professora chega à universidade, vinda dos pampas gaúchos, trazendo com ela vários caras, entre eles: Deleuze e Guattari. Foi um acontecimento, uma pequena mudança no sistema em vigor que desencadeou uma nova paisagem investigativa no programa. Como no poema de Galeano, *O mundo*, de seu *Livro dos Abraços*, chegou um foguinho novo:

836

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. — O mundo é isso — revelou. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (Galeano, 2002, p. 11).

Com ela, alguns foguinhos dispersos se encontraram, e uma fogueira que se expandia no Oeste do Paraná. Possibilidades de abordagem e de escrita que antes pareciam não dispor de espaço e escuta no meio acadêmico, foram encorajadas. Fez jurisprudência quando criou a partir de si o que Deleuze e Guattari chamam

---

<sup>4</sup> Com colonial já estamos pressupondo também um regime patriarcal, característico da colonização que se expandiu pela América do Sul.

de meio de imanência.<sup>5</sup> Um meio de imanência sempre pressupõe um lugar geográfico, uma paisagem, um ambiente, uma atmosfera, mas também um gosto pela opinião (e principalmente para sair dela) e uma sociabilidade natural. O amigo, o amante, e o pretendente da filosofia são os personagens que Deleuze e Guattari elencam para compor esse cenário na Grécia. Encontramos nessa professora um fogo filosófico incendiário, como ela encontrou em nós foguinhos de todas as cores. Esses ingredientes são apontados pelos autores como fatores que proporcionaram o surgimento da filosofia grega. Segundo eles, o filósofo estrangeiro que chega, encontra nas bordas do mediterrâneo um meio de imanência, um povo, uma cultura, um mercado, e traz consigo um pedaço de terra (ou fogo). Deslocando essa geografia para o pensamento, não estaria também a filosofia acadêmica na borda entre o filosófico e o não-filosófico? No caso da filosofia, surgiu com a professora a possibilidade de a diferença soar com coragem, humor, autonomia, criatividade, diálogo, problematização. Tínhamos um bando<sup>6</sup> e uma mestra ignorante.<sup>7</sup>

Passamos a devorar Deleuze e Guattari e rapidamente fomos direcionados a manter um diálogo constante com a não-filosofia. Botânica, música, pintura, antropologia, química, física, geografia, biologia, geologia, entre outros modos de conhecer o mundo que, em um dado momento da história, se divorciaram da filosofia. Os autores nos convidam, e muitas vezes tornam isso imprescindível: conhecer o contexto *desde* o qual são pensados os conceitos para além da filosofia que produziram. Rizoma, Ritornelo, Territórios, Estratos, Máquina de guerra, Aparelho de Estado, Espaço estriado, são alguns dos conceitos que estendem pontes entre a filosofia e a não-filosofia. Isso permitiu ampliar a própria noção acerca do que é a filosofia, para além de sua habitual especialização acadêmica.

---

<sup>5</sup> No texto sobre a Geofilosofia, em *O que é a filosofia?* (2010).

<sup>6</sup> Nosso bando era, e é, composto por vários foguinhos reunidos para estudar a filosofia de Deleuze e Guattari e as intercessões possíveis com outros autores, sob orientação de nossa mestra ignorante. Não apenas pensar juntos, mas escrever juntos.

<sup>7</sup> *O Mestre ignorante, cinco lições sobre a emancipação intelectual*, de Jacques Rancière (2002) é o nome de um dos livros que ela introduziu no ensino de filosofia da referida universidade, e lançou uma nova perspectiva sobre a figura do professor, sua relação com os alunos e com o ensinar-aprender.

Percebi que Deleuze e Guattari, apesar de serem autores do Norte global, estavam à margem do cânone que anima a grande maioria dos cursos de filosofia no Brasil. À margem, na borda, mas não completamente fora.<sup>8</sup> Se estamos deveras implicados em uma imagem de pensamento colonial, ao menos os dois franceses, ao se darem conta disso, trabalharam para produzir ferramentas que possibilitassem transpor os limites dessa imagem; que possibilitassem ao menos abrir uma porta para ver, sentir e pensar o mundo para além dela. E deram nome aos bois. No primeiro trabalho conjunto de Deleuze e Guattari, *O anti-Édipo* (2011) no qual fazem uma crítica ao papel atribuído ao complexo de Édipo na psicanálise, proposto por Freud e depois estruturado por Lacan, afirmam que Édipo parecia o início, mas em verdade, o problema anterior a Édipo é a colonização, pois “lá ou aqui é a mesma coisa: Édipo é sempre a colonização continuada por outros meios, é a colônia interior, e veremos que, mesmo entre nós, europeus, ele é nossa formação colonial íntima. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 223).

A ideia de imagem de pensamento proposta por Deleuze ainda em *Diferença e Repetição* (1988, p. 215), e depois retomada junto a Guattari em *O que é a filosofia?* (2010, p. 47), expõe um dos pontos mais importantes, a meu ver, da filosofia dos franceses, no que tange a colonização. Eles questionam os pressupostos da imagem de pensamento da representação,<sup>9</sup> e a necessidade de atingir um pensamento sem imagem. Por aí experimentei uma das maiores dificuldades em trabalhar com Deleuze e Guattari, pois isso implicava na dissolução da imagem de pensamento colonial – e é essa a imagem que nos orienta desde a mais tenra idade. Em outras palavras, põe-se em questão a imagem que o pensamento tem do que é pensar, se orientar no pensamento, e ao

---

<sup>8</sup> Esse texto não está sendo redigido com intuito de criticar Deleuze e Guattari, ainda que tenha críticas, não as farei nesse momento. Tampouco os concebo como salvadores da filosofia. Não estou advogando em nome dos autores, mas apenas expondo o papel que tiveram no decorrer da minha formação em filosofia, ciente de que apesar de serem autores do Norte global, ainda assim contribuíram para transpor as barreiras filosóficas impostas pela imagem de pensamento colonial. Não se trata de abandonar os autores do Norte, ou de maldizê-los, mas, alinhada à perspectiva decolonial, trata-se de manter uma leitura crítica e atenta que pensa *desde* o Sul.

<sup>9</sup> De nossa parte a traduzimos para imagem de pensamento colonial.

menos no meu caso, tratava-se da dissolução da imagem colonial que o pensamento tem do que significa pensar. É uma dissolução gradual, que ocorre em intervalos de velocidades diferenciais. Quando ela se dilui, não há outra imagem pronta para recorrer e seguir, é preciso criar. Um pensamento sem imagem é um pensamento caotizado: é quando o caos toma o lugar do fundamento. O caótico não é o mesmo que o indeterminado, pois

O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma à outra, mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha já desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço. O caos não é um estado inerte ou estacionário, não é uma mistura ao acaso. O caos caotiza, e desfaz no infinito toda consistência (Deleuze; Guattari, 2010, p. 53).

Na medida em que devorava Deleuze e Guattari, sentia o caos tomando conta – “o caos, deste ponto de vista, tem uma existência tanto física quanto mental” (2010, p. 53). Não apenas o pensar, mas o ver, o sentir e o ouvir foram abalados pelo caos. A dissolução da imagem de pensamento predominante se insere a partir da crítica aos fundamentos dos planos que a orientam, isto é, aos pressupostos implícitos e explícitos que a fundam – daí que diante da falta de consistência dessa imagem, temos o caos.

Para sair desse caos era necessário traçar um plano, povoá-lo com conceitos e personagens conceituais. Ao menos essa é a receita que Deleuze e Guattari enunciam como pedagogia do conceito, em *O que é a filosofia?* (2010). No meu caso, na época, a música e os sons foram as determinações mais consistentes que saltavam desse caos e que me permitiam direcionar minha intuição acerca do que significa pensar, se orientar no pensamento, ao mesmo tempo em que a música e os sons adquiriam novos contornos conceituais... mas isso é assunto para outro momento.

Segundo a pedagogia do conceito, é preciso traçar um plano de imanência para impor um crivo no caos. Um plano de imanência é diferente de um plano de transcendência ou organização, ainda que um não anule o outro, visto serem coexistentes. Os autores enfatizam que um plano de pensamento (seja de

imanência ou de transcendência) não é um conceito pensado nem pensável, mas é a “imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento...” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 47). Por isso criticam a confusão entre pensamento e reflexão, e de como a filosofia perde quando é concebida como uma atividade reflexiva, ou quando se perde o conceito para a publicidade ou para o marketing. Essa concepção, de acordo com os franceses, provém de um plano de transcendência, no qual a imanência é atribuída a alguma coisa ou a alguém: a Deus, ao Estado, à identidade, à consciência etc. Ao contrário, temos um plano de imanência quando a imanência não é atribuída a nenhuma transcendência, quando ela não é atribuída a nada mais que a si mesma. *Deus, isto é, a Natureza*.

A filosofia cria conceitos, não reflete conceitos prontos. Criar um conceito nem sempre implica em criar uma palavra. O conceito de tempo não muda seu léxico, se repete, mas não temos o mesmo conceito de tempo em Kant, em Descartes, em Deleuze e Guattari.<sup>10</sup> Em cada caso é preciso contextualizar o conceito com o plano do qual ele provém (e que nunca são iguais). Refletir é reconhecer o que já está pronto. No livro *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia*, Heuser (2010), nossa professora filósofa estrangeira nos diz que o pensamento não reflete, mas cria. E que o pensar no pensamento nasce a partir de um choque, de uma violência nos sentidos (tanto sensível, quanto mental), que levam as faculdades a transcenderem seus próprios limites (Heuser, 2010, p. 85)<sup>11</sup>. Ninguém apanha, não se trata da violência física que compromete a integridade da pessoa. O que se passa, nesse caso, é uma transformação incorpórea, um acontecimento. Não apenas nas faculdades mentais, mas no corpo. É a partir daí que o pensamento se depara com o caos. Para valorar a dimensão criativa da filosofia, liberando o pensamento da reflexão, Deleuze e

<sup>10</sup> No caso de Deleuze e Guattari surge um novo léxico para tratar o tempo, que é o conceito de Ritornelo, advindo da música, e por meio do qual a noção de tempo em Deleuze e Guattari mantém pontes com a noção de tempo da música. Ver o platô 1837 – *Acerca do Ritornelo* (2017).

<sup>11</sup> O livro de Heuser se dedica a responder à questão ‘que é pensar?’, tendo Deleuze como norteador. O recorte que fazemos aqui se refere principalmente ao capítulo 2.

Guattari empreendem uma querela em torno das pretensões pressupostas pela imagem de pensamento que trata o pensar e o refletir como sinônimos.

Davi Lapoujade expõe em *Deleuze, os movimentos aberrantes*, que a questão do direito (*quid juris?*), que tem seu complemento na questão acerca do fato (*quid facti?*), são constantes na filosofia de Deleuze (2015, p. 25). De acordo com o comentador, “o que importa não é tanto o fato em si, mas aquilo que ele afirma, reivindica ou pretende” (Lapoujade, 2015, p. 25).

Com que direito, baseada em que, e o que essa confusão entre pensar e refletir pretende afirmar e reivindicar? A imagem de pensamento, bem como a crítica aos fundamentos, passa por uma investigação dos pressupostos, e ao mesmo tempo amplia a noção de direito para além dos limites jurídicos. É de jurisprudência que se trata, quando a filosofia do direito se confunde com o direito da filosofia. Com nossa professora filósofa estrangeira estávamos desfrutando do direito à diferença, o direito a pensar e criar outra imagem de pensamento; do direito ao pertencimento à universidade pública e à filosofia. Desfrutamos disso não apenas dentro de nossas cabeças, mas publicamente e em um espaço físico. Com rigor, precisão e honestidade intelectual. Não precisávamos performar a figura de advogados de filósofos da tradição.

Passado o tempo, até o doutorado em andamento, posso dizer que muita coisa mudou, e que encontrei nesse espaço público que é a universidade, escuta e coragem para trabalhar filosoficamente o tema da colonização e sua imagem de pensamento colonial. De pensar o que se passa entre a filosofia e a geofilosofia. Entre a escrita e a escuta. Entre a cidadania e a florestania. De pensar *desde* o Sul global.

De minha parte, escrevo com prazer, pois sou grata por ser cria dessa universidade e por esse encontro de foguinhos. Acredito que foi, e continua sendo, um movimento importante, necessário e notável, não apenas para mim, mas para a filosofia acadêmica do Oeste do Paraná, do Brasil e do Sul global. Uma micro revolução.

## **Referências**

CABRERA, Júlio. *Diário de um filósofo no Brasil*. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010 (Coleção Trans).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Luiz Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia – Vol. 4*. Tradução Suely Rolnik. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GALEANO, E. *Livro dos Abraços*. Tradução Eric Nepomuceno. 9ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOMES, R. *Crítica da Razão Tupiniquim*. 11ª ed. São Paulo: FTD, 1994.

HEUSER, E. M. D. *Pensar em Deleuze: Violência e Empirismo no Ensino de Filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.